O ESPORTE/LAZER NAS TERRAS INDÍGENAS GUARANI DO PARANÁ

Nayara Maysa dos Santos¹

Cae Rodrigues²

Giuliano Gomes de Assis Pimentel³

Ricardo Peixoto Stevaux⁴

Resumo

Essa pesquisa, subsidiada com recursos da Rede CEDES/Ministério do Esporte e pelo CNPq,

abrange as práticas corporais e as políticas públicas pertinentes aos grupos indígenas do

Paraná, totalizando uma população aproximada de 10 mil pessoas em 21 comunidades,

englobando etnias Guarani, Kaingang e Xetá. Para o presente texto, são apresentados

resultados relativos ao conjunto de seis aldeias Guarani. O trabalho de campo contou com

entrevistas, inventário, registro das imagens por filmagem e fotografia. Os resultados

demonstram que existe um intercâmbio significativo com não-indígenas, realçado pela

presente constante do futebol como meio de intercâmbio entre indígenas e não-indígenas,

mas, também, palco para afirmação da identidade Guarani. Essa leitura é complementada pela

sobrevivência de tradições, especialmente nas comunidades que dispõem de maior território e

que, portanto, podem imprimir no ensino de suas gerações, seus rituais e as práticas corporais

lúdicas na natureza.

Descritores: lazer, cultura indígena, escola, lúdico, políticas públicas.

Introdução

¹ Bolsista CNPq. Universidade Estadual de Maringá. E-mail: nayara_maysa@hotmail.com

² Doutorando em Educação, Universidade Federal de São Carlos. E-mail: cae_jah@hotmail.com

³ Doutor em Educação Física. Docente (graduação e mestrado) da Universidade Estadual de Maringá. E-mail: ggapimentel@uem.br

⁴ Licenciado em Educação Física, Universidade Federal de São Carlos. E-mail: risanca@hotmail.com

Que acima de tudo possamos afirmar nossos princípios, reverenciar e praticar os ensinamentos de nossos antepassados, valorizando nossas raízes tradicionais espirituais e culturais, fortalecendo-nos cada vez mais nas nossas verdades, como povos originários e autênticos!

(Carlos Justino Terena, Comitê Intertribal Memória e Ciência Indígena).

Indígenas ou não-indígenas, somos, antes de mais nada, brasileiros. Nossas diferenças são, na verdade, nossa riqueza cultural e jamais inviabilizarão a convivência fraterna, o diálogo e o respeito que temos um pelo outro. (Penna Rodrigues, Secretária Nacional de Desenvolvimento de Esporte e de Lazer, Ministério do Esporte).

Conforme as falas em epígrafe, as práticas lúdicas, especialmente as de cunho esportivo, tem sido objeto de um movimento duplo para os povos indígenas: (a) afirmação ou re-afirmação de sua história e cultura e, por outro lado, (b) ponto de convergência para integração nacional por três vias: (1) reivindicação por políticas públicas, no sentido de sua cidadania; (2) estratégia de interface (alguns casos, hibridação) com os "parentes" indígenas; e (3) mediação com matrizes não-indígenas, inserindo o indígena em um processo de intercâmbios materiais e simbólicos em níveis menos desiguais.

É nesse cenários de direitos que o lazer do indígena começa a ser uma problemática hodierna. Compreendendo o lazer como prática relacionada ao fenômeno industrial e, especialmente, urbano nas sociedades ocidentais, relacionar o tema aos povos indígenas seria, no mínimo, arriscado. Por outro lado, se a população autóctone possui (ou possuia) uma visão cíclica de tempo, tornando estranha a idéia de um tempo livre cronometrado, é real a contaminação de visões de mundo entre os grupos culturais no país. Nesse sentido, pode ser inexato falar em lazer indígena, mas a dimensão da diversão e das práticas corporais estão presentes na cultura desses povos, devendo servir de parâmetro para ações multiculturais.

Observamos que, historicamente nas aulas de educação física escolar, o esporte tem sido usado como conteúdo por vezes exclusivo, o que acaba por reduzir o universo da Motricidade Humana, circunscrevendo-o, não raro, ao contexto cultural estadunidense e europeu do futebol, voleibol, basquetebol e handebol, em detrimento das potencialidades que podem ser exploradas ao propor a vivência de outras manifestações da Motricidade Humana (jogos, brincadeiras, lutas, danças), oriundas da diversidade cultural de diferentes povos que construíram e constroem o Brasil, tais como os africanos, os indígenas e os orientais (GONÇALVES JUNIOR, 2007).

O contato com os saberes populares e as manifestações de ecomotricidade⁵ das comunidades, que utilizam seus corpos como meios para a auto-expressão, seu estudo e compreensão, possibilitam fundamentação e sentido àqueles e àquelas que os experienciam, pois, como defende Ostrower (2008), "(...) o contexto cultural orienta os rumos da criação no sentido de certos propósitos e certas hipóteses virem a se tornar possíveis (...)" (p.102).

Tendo em vista esses pressupostos, a proposta desta pesquisa é conhecer as danças, lutas, esportes e outras atividades praticadas nas comunidades indígenas do Paraná. A mesma se justifica por, teleologicamente, subsidiar políticas públicas tanto no desenvolvimento do lazer esportivo nas comunidades indígenas, quanto na assimilação de conhecimentos da cultura corporal indígena para o ensino da Educação Física. Com isso serão propostas melhorias de atuação nas aldeias, trazendo políticas do Ministério do Esporte. Deste modo, não se trata apenas de inventariar o patrimônio cultural, mas dialogar com os interessados sobre quais dimensões de sua cultura precisam ser valorizadas e reconhecidas pelas políticas educacionais e esportivas.

Toma-se aqui a necessidade de verificar a cultura local e o alcance dos projetos já existentes nessas comunidades, evidenciando possibilidades de intervenção apropriada para os povos indígenas na forma de novas políticas e programas. As etnias indígenas no Paraná são: Kaingang, Xokleng, Guarani e Xetá. Os Guarani são divididos em parcialidades: os Nandewa no norte e oeste do estado e os Mbya na região de Curitiba e litoral. (MOTA, 2000).

É preciso alertar para a necessidade em não isolar as políticas e tampouco os grupos em seu processo de afirmação na sociedade. Como tratamos das políticas públicas e manifestações relacionadas a "minorias" étnicas, com histórico de resistências ao longo da história brasileira, é plenamente desejável obter conhecimento que se dirija à especificidade do grupo estudado mas, também, permita o estabelecimento de comparações, o que pode ser útil ao gestor no tocante à percepção de problemas comuns e das particularidades de cada comunidade. O mesmo argumento se apresenta quando se vai tratar desses conhecimentos na educação para o lazer, seja formal ou não-formal.

⁵ Ecomotricidade pode ser entendido como práticas corporais desenvolvidas com intencionalidade ("Comportamento corpóreo-mundano e existencial, no qual se constitui e reconstitui o mundo significado" - FIORI, 1986, p.4), relacionada a processos educativos de reconhecimento das relações ser humano-meio ambiente, que primam pela sinergia entre educação ambiental, motricidade humana e pedagogia dialógica (RODRIGUES, C.; GOLÇALVES JUNIOR, L., 2009).

Aspectos metodológicos

A pesquisa, subsidiada com recursos da Rede CEDES/Ministério do Esporte e pelo CNPq, abrange as práticas corporais e as políticas públicas pertinentes aos grupos indígenas do Paraná, totalizando uma população aproximada de 10 mil pessoas em 21 comunidades, englobando etnias Guarani, Kaingang e Xetá. Até março de 2010 foram realizadas coletas em seis aldeias Guarani, a saber, Aldeia Laranjinha (Santa Amélia), Aldeia Pinhalzinho (Guapirama), Aldeia Ilha da Cotingá e Aldeia Sambaquis Guaraguaçu (Paranaguá), Aldeia Kuray Guata Porã (Guaraqueçaba) e Aldeia Araça-í (Piraquara).

O trabalho de campo contou com entrevistas, inventário da observação direta, registro das imagens por filmagem e fotografia. No tocante à coleta de dados, esta seguiu o contato com caciques e autorização dos mesmos para incursão de campo. A equipe de trabalho organizou contatos de três dias para cada aldeia, onde se realizou inventário sobre as condições estruturais da comunidade, seus rituais, religião, jogos, educação escolar e nãoformal, presença de deficientes, dificuldades, além das políticas públicas e projetos estatais (dos poderes municipal, estadual e federal).

Posteriormente, os líderes eram entrevistados sobre as categorias supra-mencionadas, bem como a equipe de trabalho realizava contato com crianças, jovens, idosos e adultos a fim de consultá-los sobre suas práticas. Em muitos casos, as pessoas compreendiam parcialmente a língua portuguesa (dos pesquisadores), sendo necessária a intervenção de líderes. Noutros essa dificuldade era resolvida quando as crianças, na dificuldade em porem suas práticas em palavras, resolviam o problema mostrando-as. Isso permitiu um rico material em imagens.

O projeto vem sendo desenvolvido desde 2009 com comunidades indígenas no Estado do Paraná a partir de observação direta e pesquisa-ação. Significa que, finalizada a fase de diagnóstico da coleta de dados, serão realizadas ações para melhorar a realidade esportiva e de lazer nas comunidades indígenas, conforme a vontade das lideranças consultadas.

O índio Guarani

Nos séculos XVI e XVII, "guaranis" era a denominação dada a grupos que se encontravam desde a costa atlântica até o Paraguai, e que falavam a mesma língua. Com a chegada dos espanhóis e portugueses, o território que até então era ocupado pelos Guarani passa a ser disputado (LADEIRA, 2010).

Atualmente os territórios do povo Guarani Mbya, Ñandeva (xiripa) e Kaiowa, estão distribuídos em partes do Brasil, Paraguai, Argentina e do Uruguai. No Brasil, os Kaiowa habitam a região sul do Mato Grosso do Sul, os Ñandeva (Xiripa) vivem em aldeias situadas no Mato Grosso do Sul, no interior dos estados de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul e no interior dos estados de São Paulo e Santa Catarina. Os Mbya concentram-se no interior e no litoral do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo. A população Guarani no Brasil é estimada em torno de 34.000 pessoas, entre os Kaiowa (18.000 a 20.000), Ñandeva (8.000 a 10.000) e Mbya (5.000 a 6.000) (LADEIRA, 2010).

De acordo com Rodrigues (2002), o Mbya, Kaiowa e Ñandeva são dialetos do idioma Guarani, que pertence à família Tupi – Guarani, do tronco lingüístico Tupi. A Língua guarani nos povos Mbya produz um grande efeito na educação das crianças, bem como na divulgação de conhecimentos e na comunicação entre as aldeias, sendo em grande parte constituinte de sua identidade. A partir da criação dos NEIs - Núcleo de Educação Indígena - juntamente com às Secretarias Estaduais de Educação e ao MEC, a escrita em língua guarani tem sido estabelecida nas aldeias.

Na terra indígena pode haver uma ou mais aldeias, que são as áreas onde ficam as residências. As aldeias Guarani são formadas por famílias, chefia espiritual e política própria. Cada aldeia tem o cacique como liderança. A ele é atribuído o poder de intervir nas relações da comunidade indígena, bem como entre os representantes do Estado e vários setores da sociedade civil. Antes, em muitos casos, a liderança maior era dada ao pajé, mas, a partir do fim das lutas entre índios e não-índios, o cacique passou a guardar mais poder, por ser o responsável pelas mediações com o "Outro" (não indígenas) e consequente obtenção de benefícios materiais para seu povo. Essa informação foi relatada por informantes nas comunidades pesquisadas e permite inferências sobre a pressão existente nas aldeias para a obtenção de projetos governamentais, como forma do líder prover a comunidade.

A casa de reza é o local onde são realizadas as práticas religiosas, que é orientada pelo dirigente espiritual. Durante esse evento, são realizados cantos, danças e discursos. Atualmente com a evangelização de outras denominadas religiões, existem aldeias que tem outros templos inseridos, como protestante, católica e espiritismo.

Em relação às políticas, se percebe a presença do Estado, especialmente no tocante à saúde pela FUNASA e pela educação, além de projetos (nem sempre bem sucedidos) de

habitação. Em uma das aldeias há resquícios do Programa Segundo-Tempo, ⁶ do governo federal, mas, em geral, não existe uma orientação nessa temática a qual contrasta com a grande mobilização que há entre as comunidades pela prática organizada do futebol e, em escala menor, da dança e música Guarani.

Os resultados mais específicos podem ser distribuídos conforme as seis aldeias pesquisadas.

Aldeia Laranjinha

Na aldeia Laranjinha na cidade de Santa Amélia, houve certo grau de dificuldade na coleta de informações, pela falta aparente de lazer ou esportes praticados pelos moradores da aldeia. Esse resultado, como já constatado também entre Kaingang (BENITES; PIMENTEL, 2009), não é algo confiável. Afinal, o tempo de permanência, embora grande, não é suficiente para se observar com "naturalidade" o cotidiano lúdico das pessoas. Além disso, tanto há práticas de lazer que são parte de rituais e devem ser feitas secretamente, como, também, a caça e outras práticas na natureza são feitas sem alarde.

Durante os dois primeiros dias de visita pudemos constatar que principalmente as crianças após a escola ficavam dentro das casas assistindo TV, e os adultos ficavam ou dentro de casa ou no quintal conversando. Apenas no último dia de visita à comunidade pudemos presenciar algumas pessoas, adultos e crianças, brincando no rio e pescando, além de outros garotos que jogavam voleibol com uma rede armada no quintal de uma das casas.

As brincadeiras não são praticadas como eram antes pelos moradores mais novos da comunidade, principalmente as brincadeiras próprias da cultura indígena, apesar de terem um espaço considerado relativamente grande para a prática de várias atividades, como é relatado por um dos professores da escola da comunidade:

Antes, quando a gente era crianças entre 7 e 8 anos a gente brincava de caça, subia nas árvores, fazia jangadinha de bananeira, brincávamos no rio com pinguela. E as mulheres brincava muito de bonequinha de milho. A nossa preocupação hoje é que às crianças não brincam mais, só assistem TV e jogam vídeo game.

O esporte mais popular é o futebol, praticado por adultos e crianças, mulheres e homens.

-

⁶ O Programa Segundo Tempo (PST) faz parte da Política Nacional para o Esporte Educacional e tem por objetivo democratizar o acesso à prática esportiva, durante o contra-turno escolar, para crianças e adolescentes em situação de risco social (OLIVEIRA e PERIM 2010).

Aldeia Pinhalzinho

A aldeia Pinhalzinho é localizada na cidade de Guapirama – PR. O tempo de permanência nessa comunidade também foi de três dias, com duração aproximadamente de oito horas por dia.

Observamos moradores da comunidade pescando nas margens do rio, crianças brincando de pular corda e também a hegemonia do futebol, praticado por todos. Os moradores possuem dois campos de futebol na aldeia, um campo de areia e outro campo no gramado. O futebol é realizado predominantemente nos sábados e domingos, e, às vezes, os moradores são convidados para jogar na cidade.

Dentro da comunidade há uma rede de voleibol, armada no quintal de uma das casas, e uma mesa de sinuca. Outro atrativo para os adolescentes é a dança do estilo Hip Hop, que tem atraído muitos joven nas comunidade.

Aldeia da Ilha da Cotingá

A aldeia da Ilha da Cotingá é localizada na cidade de Paranaguá – PR, e possui aproximadamente cem habitantes. Nessa aldeia tivemos a oportunidade de presenciar diversas manifestações lúdicas, principalmente entre as crianças, que brincam de bola de gude (burquinha), peteca, correm pela aldeia, subindo em árvores etc. Os moradores da comunidade gostam de pescar e jogar futebol, participam – com outros Guarani de São Paulo – de torneios de futebol e de eventos onde são realizados jogos com peteca, arco e flecha, corrida com torá, entre outros.

O interessante nessa aldeia é que eles ainda praticam as brincadeiras da cultura indígena, apesar do futebol ser apreciado por todos na comunidade. De certa forma, numa leitura rasa, há uma complementaridade entre participação de jogos tradicionais com outras terras Guarani com a sobrevivência dessas tradições no universo lúdico.

Aldeia Sambaquis Guaraguaçu

A aldeia Sambaquis Guaraguaçu possui apenas doze pessoas e é localizada na cidade Paranaguá. Houve muita dificuldade na coleta de dados em relação aos esportes praticados. De acordo com os moradores da aldeia, eles gostam de praticar o futebol, mas não o praticam

por falta de campo na aldeia e, como a permanência no local foi breve, não pudemos vivenciar muitas atividades.

Aldeia Kuray Guata Porã

A aldeia Kuray Guata Porã, é localizada na cidade de Guaraqueçaba, onde habitam quarenta e cinco pessoas. Como na aldeia anterior, aqui também houve muita dificuldade na coleta de dados em relação às práticas de lazer. O esporte que gostam de praticar é o futebol, mas não o fazem por falta de espaço na comunidade. Assim sendo, praticam o futebol apenas em alguns sábados e domingos na cidade do outro lado do rio, que fica há cerca de duas horas de distância. Também pelo breve tempo de permanência na aldeia, não vivenciamos nenhuma prática relacionada ao lazer da comunidade.

Aldeia Araça-í

A aldeia Araçá-í foi o local onde mais pudemos observar manifestações de práticas de lazer. Como nas demais comunidades, o esporte mais popular é o futebol. Porém, não é muito aceito o fato das mulheres jogarem, o que causa divergências entre os homens. Devido a esse fato, outro esporte praticado (não tanto quanto o futebol) é o voleibol, mais praticado pelas mulheres.

Entre crianças presenciamos diversas atividades. Inicialmente, a primeira observação foi de um garoto brincando de bola. Logo se aproximaram outras crianças para jogarem também: fizeram um círculo e davam toques na bola entre si. É recorrente entre os grupos "visitados" a existência de um roteiro de boas-vindas, o qual inclui mostrarem seu futebol e, em alguns casos, a dança do guerreiro.

Ao conversar com algumas crianças, perguntamos o que mais gostavam de brincar na comunidade, e a resposta foi a seguinte - "A gente gosta de brincar de colado, esconde-esconde, bicho, pula corda, futebol, lutinha". Apesar dos nomes serem diferentes as brincadeiras não são estranhas. Por exemplo, o colado para nós é a bandeirinha e o bicho é o pega-pega. Em relação às práticas lúdicas mais domésticas e aquelas feitas na natureza, não houve tempo para se observar, o que deve ser obtido por meio de trabalhos etnográficos.

Considerações

Com a realização dessa pesquisa, chegamos à conclusão de que o futebol é a prática predominante de lazer pelos indígenas. Essa prática lhes proporciona maior sociabilidade entre os índios de outras comunidades e também entre os moradores não índios da cidade. Por outro lado, ela pode ser lida como uma simbiose nefasta ao espírito de celebração:

O futebol é um esporte que tem trazido problemas nos Jogos, sendo avaliado constantemente por nós sobre o seu papel no evento. Para amenizar os problemas da competição com o futebol, no IX Jogos dos Povos Indígenas, optamos por não ter o futebol de campo, mas o futebol de areia exatamente para comprimi-lo enquanto um esporte de contato corporal e de competitividade entre os "parentes" (pessoas de outra etnia indígena). O futebol tem trazido uma série de conseqüências negativas, em virtude das diferenças que a competição esportiva promove entre os participantes, principalmente porque o futebol é uma prática esportiva presente nas aldeias que estão em maior contato com os não-indígenas, seja no contato direto ou via televisão, sendo uma prática que envolve muito os jovens, homens e mulheres, cujos valores específicos de sua cultura e identidade étnica ainda não estão consolidados. (TERENA, 2009, p. 23).

Será, portanto, o futebol um fator para a massificação de valores estranhos aos povos indígenas? Preferimos partir do pressuposto de que as comunidades indígenas apropriam-se do futebol ao seu modo. Nas comunidades estudadas, o futebol, assim como em todo país, é apreciado por muitos, tanto por homens quanto por mulheres e crianças. A maioria das aldeias possui campos de futebol, e os moradores costumam praticar esse esporte na maioria das vezes nos sábados e domingos, e, em certos casos, são convidados a irem até a cidade para jogar. Essa prática é, em nossa interpretação, uma forma do Guarani interagir culturalmente, bem como atuar como uma afirmação regrada de sua identidade. Porém, outros aspectos implicados nos significados do futebol para o Guarani ainda estão sendo desdobrados.

Fora o futebol, não foi presenciado muitos outros jogos e brincadeiras, especialmente provenientes da cultura indígena. Não podemos desconsiderar a pouca permanência em algumas aldeias, como, por exemplo, o caso da aldeia Sambaquis Guaraguaçu, e também a possibilidade de inibição dos moradores diante da presença de pesquisadores-observadores.

No entanto, parece evidente que a falta de diversidade de práticas de lazer nas aldeias é consequência de um processo parecido (mas não idêntico) com o que ocorre nas práticas de lazer urbanas, cada vez mais susceptíveis às novas tecnologias, como a televisão, e novas tendências da indústria do entretenimento.

No entanto, se podemos responsabilizar, em grande parte, assim como ocorre nos espaços urbanos, a falta de políticas públicas e o distanciamento de ações que promovam a educação para o lazer pela pequena diversidade de manifestações de lazer nas aldeias, ainda podemos observar um agravante nesses espaços: ao mesmo tempo que o acesso aos meios de comunicação em massa cresce nessas aldeias, a cultura indígena é cada vez menos valorizada

por esses mesmos meios. O que nos leva a uma importante pergunta: como é possível perceber-se e perceber sua cultura como importante e contributiva a realidade brasileira quando a mesma é totalmente deixada de lado e, quando apresentada, vista de modo folclorizado?

Nesse sentido, acreditamos que investigar, compreender e divulgar os processos educativos, daqueles que ensinam, daqueles que aprendem e das relações de ambos, envolvidos na construção da Motricidade Humana, particularmente nas manifestações relacionadas aos jogos, ao lazer, as brincadeiras, as lutas, as danças, a musicalidade e a expressão corporal em geral de diferentes culturas, tais como a indígena, poderá trazer contribuições no sentido do fortalecimento das identidades de grupos/culturas/etnias socialmente marginalizados, respeito à diversidade cultural e ao meio ambiente, bem como apoiar educadores que atuam na educação escolar e/ou não escolar junto a crianças e jovens, incluindo pessoas com deficiência, na perspectiva de promover o conhecimento e o respeito sobre a Motricidade em diferentes culturas.

Esperamos, nesse sentido, que o trabalho que segue seja uma sólida construção alicerçada nos fortes pilares do diálogo, pois recuperar as manifestações corporais e da ecomotricidade, tanto nas aldeias como nos currículos da educação física escolar, significa mais do que praticar o lazer: significa a construção ou re-construção de uma identidade.

Referências

BENITES, M. L.; PIMENTEL, G. G. A. Aventura en la naturaleza y deporte entre indios Kaingang en Paraná. **Lecturas**: Educación Física y Deportes (Buenos Aires), v. 14, p. 1-12, 2009.

FIORI, E. M. Conscientização e educação. **Educação e Realidade**. Porto Alegre: UFRGS. 11(1). jan/jun. 1986. p.3-10.

GONÇALVES JUNIOR, L. A motricidade humana no ensino fundamental. In: I Seminário Internacional de Motricidade Humana: passado-presente-futuro, 2007, São Paulo. Anais... São Paulo: ALESP, 2007. v.1. p.29-35.

LADEIRA, M. I. **Guarani Myba**. Disponível em: <u>Http://pib.socioambiental.org/pt/povo/guarani-mbya</u>. Acesso em 10 de abril de 2010.

MOTA, Lúcio Tadeu (Org.). **As cidades e os povos indígenas**: mitologias e visões. Maringá: EdUEM, 2000.

OLIVEIRA, A. A. B. de.; PERIM, G. L. (Orgs.). Fundamentos pedagógicos para o programa segundo tempo. 2 ed. Maringá-PR: Eduem, 2008

OSTROWER, F. Criatividade e processos de criação. 23ªed. Petrópolis: Vozes, 2008.

RODRIGUES, A. D. Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

RODRIGUES, C.; GONÇALVES JUNIOR, L. Ecomotricidade: sinergia entre educação ambiental, motricidade humana e pedagogia dialógica. **Revista Motriz**, Rio Claro, v.15, n. 4, p. 987-995, out./dez. 2009.

TERENA, M. Brincar, jogar e viver indígena: a memória do sonho realizado. In: PINTO, L. M. S. de M.; GRANDO, B. S. **Brincar, jogar, viver**: IX jogos dos povos Indígenas. Cuiabá: Central de texto, 2009.